

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE EDUCAÇÃO E
CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE DIZEM JOVENS E ADULTOS SURDOS A
RESPEITO DA CONSTRUÇÃO DE SUA SEXUALIDADE**

KARINE FERREIRA DE MELO

ORIENTADORA: BEATRIZ AP. DOS REIS TURETTA
COORIENTADORA: CRISTINA B. FEITOSA DE LACERDA

São Carlos 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CENTRO DE EDUCAÇÃO E
CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE DIZEM JOVENS E ADULTOS SURDOS A
RESPEITO DA CONSTRUÇÃO DE SUA SEXUALIDADE**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a Conclusão do Curso de Licenciatura
em Educação Especial da Universidade
Federal de São Carlos.

Orientadora: Beatriz Aparecida dos Reis
Turetta.

Coorientadora: Cristina Broglia Feitosa de
Lacerda

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Beatriz Aparecida dos Reis Turetta

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Prof.^a Dr.^a Vanessa Regina de Oliveira Martins

Prof.^a Dr.^a Carla Ariela Rios Vilaronga

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer a minha mãe Zuleica e ao meu pai Marco Antonio, que tanto lutaram para que eu e minhas irmãs não passássemos o sufoco que passaram na infância. Agradeço imensamente por toda a educação e suporte que me deram, tudo que conquistei nestes quatro anos é graças a vocês que sempre me apoiaram e sempre arranjaram soluções para todos os problemas encontrados ao longo desse caminho, eu amo vocês.

Agradeço a minha irmã, Kethelin, que apesar de tudo que passamos, tenho certeza que sempre me apoiou, de coração, nesses anos.

Muito obrigada a minhas amigas, Gabriela e Maria, que estão comigo desde o começo da graduação, que me apoiaram inúmeras vezes, nunca me deixaram desistir e que têm os conselhos mais preciosos. Obrigada por todas as alegrias, tristezas, festas e comemorações a cada página terminada do TCC, não sei o que seria de mim sem vocês nesses quatro anos.

Agradeço também minha amiga Patrícia, que por muitas vezes ouviu minhas preocupações e sempre me incentivou com conselhos e energias positivas.

Agradeço aos participantes da minha coleta de dados que aceitaram participar deste meu trabalho e que, com certeza, contribuiram para minha formação pessoal e profissional.

Agradeço imensamente a Beatriz, minha orientadora. Sem ela eu estaria perdida nesse TCC. Não tenho palavras para expressar o quanto ter ela como orientadora foi maravilhoso, sempre me dando dicas, conselhos e jamais me deixando na mão. Seu apoio não se restringiu ao TCC, mas também me ajudou com problemas pessoais, sempre à disposição. Muito obrigada, Bia! Além de orientadora você se tornou minha amiga.

Agradeço a minha coorientadora, Cristina Lacerda, que sempre foi minha inspiração nessa área, e que me ajudou bastante no desenvolvimento do tema.

Agradeço a todos os professores e funcionários envolvidos nesse meu processo de formação. Obrigada também à Carla Ariela e Vanessa Regina que aceitaram participar da minha banca.

RESUMO

Esse trabalho aborda a temática da sexualidade de jovens e adultos surdos. Tomando como referência os pressupostos da abordagem histórico-cultural sobre desenvolvimento humano e linguagem realizamos a pesquisa com o objetivo de compreender como jovens e adultos surdos construíram seus conhecimentos acerca de sua sexualidade, em que espaços e em que língua. O destaque dado para os espaços de aprendizagem e para a língua se justifica por defendermos, nessa abordagem, que o ser humano se constitui nas relações sociais na e pela língua. Para atender a esse objetivo realizamos um grupo focal com jovens e adultos surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras). O encontro foi realizado com a presença de cinco jovens e adultos surdos, com idade entre 27 e 36 anos, sendo quatro homens e uma mulher, da pesquisadora, sua orientadora e de duas tradutoras e intérpretes de Libras. Esse encontro foi vídeo-gravado e posteriormente transcrito. Os dados nos permitem afirmar que esses sujeitos têm construído seus conhecimentos acerca da sexualidade em espaços e contextos bem diversos. As análises realizadas dão visibilidade ao papel da Libras nesse aprendizado e sugerem que os sujeitos bilíngues (Libras/Língua Portuguesa) têm mais condições de acessar o conhecimento produzido acerca da sexualidade do que os demais sujeitos que possuem conhecimento restrito da Língua Portuguesa.

Palavras chaves: orientação sexual, educação sexual; surdez; sexualidade; libras.

Sumário

1. APRESENTAÇÃO.....	6
2. INTRODUÇÃO	7
2.1. DESENVOLVIMENTO HUMANO	7
2.2. EDUCAÇÃO SEXUAL.....	8
2.3. EDUCAÇÃO SEXUAL PARA SURDOS.....	10
2.4. EDUCAÇÃO BILÍNGUE.....	12
3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	14
3.1. PARTICIPANTES	14
3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
4. SEXUALIDADE: COMO JOVENS E ADULTOS SURDOS CONSTROEM SEUS CONHECIMENTOS ACERCA DE SUA SEXUALIDADE, EM QUE ESPAÇOS E EM QUE LÍNGUA.....	17
4.1. ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM	17
4.1.1. OS CONTEXTOS FAMILIARES	17
4.1.2. A COMUNIDADE OUVINTE E OS AMIGOS OUVINTES.....	23
4.1.3. A COMUNIDADE SURDA E OS AMIGOS SURDOS	28
4.2. CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA	31
4.3. CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS EM LIBRAS.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6. REFERÊNCIAS.....	40

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de uma preocupação acerca do modo como as pessoas aprendem a respeito dos temas relacionados a sexualidade. Em certa ocasião, assistindo uma reportagem sobre doenças sexualmente transmissíveis, os relatos me surpreenderam e também me deixaram bastante intrigada com a condição em que as pessoas se constituem. As pessoas (ouvintes) da reportagem tinham sido infectadas pela falta de acesso a informação de que isso poderia acontecer na primeira relação sexual. O fato é que em nossa sociedade as pessoas ainda ficam traumatizadas, doentes, grávidas, outras ainda morrem por ingenuidade, ausência de informação, falta de acesso a recursos e inúmeros outros motivos/causas relacionados/as a pouca atenção com a temática merece. Existem tentativas da sociedade em mudar essa percepção acerca da sexualidade, mas o diálogo sobre a temática ainda é extremamente difícil para a maioria das pessoas, isso me fez questionar o modo como a sociedade tem se constituído. Partindo do pressuposto que o ser humano se constitui também nas relações sexuais, a questão continuou me inquietando: porque não podemos tratar os assuntos relacionados a sexualidade de forma mais natural?

Ao mesmo tempo em que essas questões me deixavam bastante angustiadas havia o meu interesse pela área da surdez, que desde o início da graduação foi o meu foco de trabalho no curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. O presente trabalho é fruto dessas duas paixões: o interesse pelo modo como as pessoas tem acesso as questões relacionadas a sexualidade e o interesse pela educação das pessoas surdas.

A pesquisa apresentada buscou analisar essa interface entre surdez e sexualidade. Com o objetivo de compreender como jovens e adultos surdos construíram seus conhecimentos acerca de sua sexualidade, em que espaços e em que língua realizamos o presente trabalho. O texto que se apresenta está organizado com a seguinte organização: uma breve “Apresentação”; a “Introdução” que destaca algumas questões relacionadas ao referencial teórico que dá sustentação a esse trabalho; as “Considerações Metodológicas” que abordam a opção e o percurso metodológico do trabalho; em “Sexualidade: Como jovens e adultos surdos constroem seus conhecimentos acerca de sua sexualidade, em que espaços e em que língua” apresentamos os dados do trabalho em diferentes unidades de análise. Após a apresentação dos dados são tecidas algumas considerações finais.

2. INTRODUÇÃO

2.1. DESENVOLVIMENTO HUMANO

Vigotski, principal autor da abordagem histórico-cultural, defende que o processo de constituição humana é socialmente construído e que as relações sociais assumem papel de destaque nesse processo. Nessa abordagem entende-se que o homem nasce um ser social e que suas possibilidades de desenvolvimento encontram-se na vida em sociedade.

Segundo a teoria histórico-cultural de Vygotsky, o indivíduo se constitui, enquanto tal, não somente devido aos processos de maturação orgânica, mas, principalmente, através da sua interação social, a partir das trocas estabelecidas com seus semelhantes. As funções psíquicas humanas estão intimamente vinculadas ao aprendizado, à apropriação (por intermédio da linguagem) do legado cultural de seu grupo. (HEIDRICH, 2015)

Nesse sentido, consideramos que a condição natural e biológica da criança ao nascer não é suficiente para que ela se desenvolva em sociedade. A criança irá se constituir humana, pertencente a determinado grupo, a partir de suas experiências na vida social. É na relação com os membros mais experientes da cultura que irá encontrar as possibilidades de se apropriar dos procedimentos e modos culturais de conduta – pensamento, linguagem, percepção, memória, atenção, vontade, imaginação, escrita (VIGOTSKI, 1998).

Essa relação da criança com o objeto do conhecimento é sempre mediada pelo outro, entendido nessa abordagem como o outro humano (presente ou ausente), mas também como o outro presente nos elementos da cultura e em todas as produções humanas com as quais as crianças se relacionam desde o nascimento.

Cabe ressaltar que as pessoas não internalizam as relações em si, mas o significado que atribuíram a elas. Assim o processo de internalização (tornar-se humano) se relaciona estreitamente com a capacidade de criação e emprego de signos (VIGOTSKI, 1995).

Deste modo, é na relação com o outro, na e pela linguagem, entendida como sistema de signos por excelência, que cada novo integrante do grupo social encontra as possibilidades de tornar-se sujeito da própria história.

Para Alves, et al.(2010), a língua ocupa esse lugar nessa perspectiva porque é nela que se encontram enraizados os comportamentos sociais de cada grupo. Os autores também afirmam que “[...] É esse adulto ou sujeito mais experimentado da cultura que fará, para e com a criança, o movimento de interpretação e dará a cada gesto, a cada som emitido, a cada sinal ou manifestação do infante, um sentido [...]” (p.xx).

É a língua, como sistema de signos, que permite a interação entre indivíduos e o partilhar de uma mesma cultura. É também pela linguagem e na linguagem que os conhecimentos são construídos, pois, ao partilharem um sistema de signos constitutivos de uma língua, estes sujeitos podem, além de desenvolverem uma compreensão mútua, colocar em circulação os múltiplos sentidos presentes na linguagem, configurando, assim, a polissemia constitutiva desta. É também pela linguagem que as categorias conceituais podem ser construídas, organizando suas experiências, numa atividade mediadora entre os sujeitos e os objetos do conhecimento. (LACERDA, 2012 p. 13)

Considerando que para este trabalho nos interessa especificamente o desenvolvimento das pessoas com surdez, salientamos que a tese é a mesma:

Nessa abordagem teórica é a qualidade das experiências criadas pelo grupo social frente às capacidades consolidadas e emergentes na criança que pode configurar as possibilidades de seu desenvolvimento, tanto na constituição de alguma função psíquica em particular como na formação do psiquismo de modo geral. (TURETTA, 2013, p.32).

Pessoas surdas e ouvintes se constituem a partir das relações que estabelecem na vida social. O que precisamos considerar é que a vida social está organizada para atender as condições e necessidades da maioria da população que é ouvinte numa língua que se materializa numa modalidade oral-auditiva. Considerando que essa língua é inacessível as pessoas com surdez, cabe a sociedade proporcionar caminhos alternativos para que essas pessoas possam se constituir numa língua que lhes seja acessível (Libras) e também tenham acesso a todo o patrimônio cultural disponível na língua majoritária (Língua Portuguesa).

2.2 EDUCAÇÃO SEXUAL

No fim da década de 90, no Brasil, notou-se um novo termo utilizado nas escolas para a discussão sobre a sexualidade. Nesse período o termo Educação Sexual foi substituído por Orientação Sexual e foi tornado como oficial e institucionalizado nos parâmetros curriculares nacionais (PCNs). A diferença que se dá entre os termos é o seu ponto de referência. A orientação Sexual propõe oferecer informações sobre a sexualidade, sendo ele feito, principalmente, pelas escolas. Já a Educação Sexual tem um caráter mais informal, tendo o mesmo propósito que a Orientação Sexual, fora da escola (FURLANI, 2009).

Segundo Ribeiro (2015), a discussão sobre orientação sexual não é recente no Brasil, há relatos da década de vinte nos quais o assunto era abordado em relação ao uso de drogas e gravidez na adolescência. Porém, na década de 80, se fez necessária uma abordagem mais forte em relação à orientação sexual nas escolas, devido aos problemas que foram surgindo

nessa época como: o surgimento da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDs), a sexualidade dos jovens, a gravidez na adolescência e o uso de drogas por adolescentes (RIBEIRO, 2015).ras

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da educação sexual nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento do número de casos de gravidez indesejada entre as adolescentes e o risco de contaminação pelo HIV (vírus da AIDS1) entre os jovens. “A princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa. [...]” (PCN, 1998, p. 299).

A sexualidade, primeiramente, pode ser abordada pela família, dadas pelas relações familiares. Desse jeito, a criança acaba recebendo valores de casa e adotando segmentações que a família queira. A família é o primeiro grupo de referência em que a criança se baseia sobre esse tema. Pontes (2011), traz que é importante saber que a sexualidade não surge na adolescência, esse desenvolvimento se inicia na infância, porém, é na adolescência que ocorrem as mudanças físicas. A sexualidade está ligada ao desenvolvimento integral da criança, estando envolvida por valores socioculturais (SAITO, 2001).

Torna-se imprescindível também a educação sexual dos adolescentes em âmbito familiar, auxiliando-os na descoberta do corpo e de sua sexualidade, estes de vital importância para a formação pessoal do indivíduo e, conseqüentemente, para sua vida. Reforça-se, assim, que a parceria escola-família-saúde é uma das alternativas para se buscar “maneiras” de orientação sexual aos adolescentes, facilitando a tarefa educativa do professor (SANTOS; CAMPOS; SANTOS, 2012).

De acordo com o PCN, a escola tem um papel fundamental de orientação, com o intuito de esclarecer os diversos caminhos e crenças existentes na sociedade e deixar que a criança compreenda e reflita, não substituindo os valores familiares, mas sim os complementando (PCN, 1998). Santos, Campos e Santos (2012), sugerem que a escola deve promover, juntamente com os profissionais da saúde, o incentivo a busca constante pelo conhecimento e pela prevenção a saúde e que a orientação sexual deveria ser incluída no currículo do ensino fundamental, onde se deve focar na socialização dos adolescentes, desenvolvendo esse trabalho junto com os pais.

Os autores também trazem que a escola:

[...] é um lugar frequentado por um grande número de crianças e jovens, continuamente, durante várias horas de seu dia e por um longo período de sua vida, e favorece as relações sociais e trocas intensas de informações e de normas de

conduta, que influenciam direta ou indiretamente o indivíduo (SANTOS; CAMPOS; SANTOS, 2012).

Mais do que isso, em nossa perspectiva teórica, a escola é um espaço privilegiado de relações cuja função é realizar um trabalho intencional direcionado para a promoção de mudanças qualitativas no desenvolvimento das pessoas de modo sistematizado e diferente das atividades cotidianas (FONTANA, 2005).

Contudo, por muito tempo a sexualidade não foi abordada dentro de casa devido ao tabu existente em relação a esse assunto, não havendo discussões e orientação efetiva por parte da família. Um acompanhamento desde cedo da família pode prevenir futuros problemas como: abuso sexual, gravidez não desejada, promiscuidade ou dificuldades sexuais propriamente ditas como frigidez, impotência sexual, ejaculação precoce, etc. Para que haja uma prevenção adequada, os pais, profissionais ou responsáveis devem quebrar todo o tabu existente em relação ao assunto, falando com os jovens sobre a prática sexual, sem medos ou meias verdades (MAGALHÃES, 2008).

Portanto, nota-se a importância do papel familiar para a educação sexual de seus filhos. Soares et al (2008), traz que a sexualidade humana acompanha o indivíduo em toda sua existência, sendo importante para a formação da identidade e desenvolvimento da personalidade, sendo assim a sexualidade tem um papel importante na vida do ser humano, se constituindo como um processo de formação. Neste sentido, é de suma importância o papel dos pais, professores e profissionais da saúde, contribuindo para o desenvolvimento de um pensamento crítico acerca do assunto.

A família, dialeticamente articulada à estrutura social, constitui-se de um espaço imprescindível para a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e da proteção integral de seus componentes, independentemente das múltiplas formas e desenhos que pode assumir. Nesse sentido, a família deve ser valorizada enquanto espaço essencial à produção de identidade social com vistas à formação do cidadão pois, oferece o apoio necessário ao desenvolvimento dos seus componentes, desempenha papel decisivo na educação formal e informal, absorção de valores éticos, morais e humanitários e, ainda, sedimenta o laço de solidariedade (MEDEIROS, 2001, p.36).

2.3. EDUCAÇÃO SEXUAL PARA SURDOS

Entre os poucos trabalhos encontrados a respeito da temática surdez e sexualidade encontramos o trabalho de Bento (2006), que afirma que a comunidade ouvinte tem uma vantagem sobre informações, em comparação ao surdo, pelo simples fato de ouvir se

considerarmos que a língua majoritária de nosso país é uma língua oral-auditiva inacessível ao surdo.

Bento (2006, p. 209) afirma que “as principais fontes de informações sobre sexo são livros e revistas, os parceiros, amigos, TV, e entre as mulheres, o médico”. Cabe salientar ainda que essas informações disponíveis na maioria das vezes estão disponíveis apenas na língua majoritária, ou seja, em Língua Portuguesa.

Para a comunidade surda, esse fator tem comprometido as possibilidades de acesso as informações do mundo, e também pode estar contribuindo para a falta de acesso as informações a respeito da sexualidade. Considerando que a maioria das informações encontram-se em Língua Portuguesa, a comunidade surda enfrenta dois grandes desafios para acessar as informações nessa língua: não tem acesso a essa língua na modalidade oral-auditiva e enfrentam inúmeras dificuldades na aquisição da mesma na modalidade escrita.

Cabe salientar que a dificuldade na aquisição da Língua Portuguesa na modalidade escrita não surge em virtude de uma dificuldade própria dos surdos, mas pela falta de propostas educacionais que priorizem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e que trabalhem a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua para os mesmos.

Nesse sentido, a maioria das pessoas surdas estão em desvantagem em relação ao desenvolvimento de modo geral e a sua orientação sexual de modo específico, se comparadas com as pessoas ouvintes que tem domínio da língua em que os materiais e as informações a respeito circulam.

A orientação sexual ao surdo traz algumas dificuldades a mais para a família e para os profissionais envolvidos, devido a sua limitação da linguagem, que exige informações objetivas, explicadas com simplicidade e riqueza de detalhes (BENTO; BUENO, 2006).

Bisol (2008) apresenta em seu estudo que os jovens surdos têm as mesmas possibilidades de desenvolvimento, determinantes biológicos e desafios da adolescência dos ouvintes, enquanto processo de transição entre infância e a vida adulta, havendo exigências e estimulantes culturais da sociedade do seu tempo. Porém, por crescer em mundo predominantemente ouvinte, há barreiras de comunicação, preconceitos e dificuldades de acessar o universo desse adolescente, sendo uma dificuldade, na maioria das vezes, nas relações familiares. Tal barreira linguística aumenta demasiadamente a complexidade da questão da sexualidade: “a línguas de sinais exige uma comunicação face a face e alguns gestos produzem um certo grau de desconforto associado aos significados a que se referem”. Portanto, ao se referir à orientação sexual do surdo vemos, que na maioria das vezes, a grande

barreira é a comunicação entre surdo-família e surdo-profissionais, que pode se agravar com a questão de tabu existente e a falta da língua com os envolvidos.

2.4 EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Segundo Lacerda (2014) a educação dos surdos sempre foi algo cismático devido aos conflitos de ideias sobre o modo que os surdos deveriam ser educados. As discussões, especialmente da linguística, tentam definir qual é a melhor língua para que o surdo se desenvolva.

Goldfel (1997) explicita que no percurso histórico da educação de surdos, três filosofias educacionais se destacaram:

A primeira é o oralismo, onde a surdez é vista como uma deficiência que deve ser minimizada e/ou combatida, visando à comunicação e integração do surdo por meio da língua na modalidade oral. Nessa concepção os surdos devem desenvolver a língua do seu país. Por falta do retorno auditivo, a língua na modalidade oral (no Brasil, a Língua Portuguesa) acaba se tornando inacessível para os surdos. Consequentemente, os surdos que vivenciaram essa abordagem de ensino tiveram seu desenvolvimento prejudicado e se comparados com ouvintes geralmente apresentam um atraso significativo de aprendizagem.

A segunda filosofia é a comunicação total, que traz a preocupação dos processos comunicativos do surdo com o surdo e do surdo com o ouvinte. Nessa abordagem utiliza-se além da linguagem na modalidade oral, gestos, desenhos, mímicas e aceita-se o uso dos sinais. Cabe salientar que o uso dos sinais nessa proposta fica descontextualizado da organização da língua de sinais. Os sinais são aceitos somente para facilitar o aprendizado da língua majoritária. As propostas são mais flexíveis mas continuam mirando apenas a aquisição da língua majoritária.

A última filosofia é o bilinguismo, que traz como foco a língua de sinais como primeira língua e como segunda língua, a língua oficial do país de origem do surdo. A filosofia bilíngue defende que a surdez não é uma deficiência, mas uma diferença. Nessa perspectiva a língua priorizada é a língua de sinais e as especificidades culturais muito valorizadas. Nessa filosofia o aluno surdo deve, primeiramente, aprender a língua de sinais e posteriormente a língua de seu país na modalidade escrita. A modalidade oral não é proibida, mas deixa de ser o foco das propostas educacionais.

Segundo o Decreto Nº 5.626 de 2005, capítulo IV a educação do surdo deve ser garantida por meio da educação bilíngue. Portanto, como foco deste tópico, o bilinguismo,

tem como ideia central que a linguagem mais acessível do surdo deve ser ensinada como primeira língua, ou seja, a língua de sinais. Ocorrendo que, por meio dela, essa comunidade terá um desenvolvimento pleno, contribuindo assim para sua formação como sujeito. Sendo assim, a educação os surdos deve proporcionar o contato com adultos fluentes em língua de sinais (preferencialmente surdos) o mais cedo possível, contemplando seu direito linguístico de ter acesso ao meio cultural e social com uma língua acessível. (LACERDA, 2014).

Além disso, após seu desenvolvimento pleno em língua de sinais a criança surda irá desenvolver seu aprendizado da língua portuguesa na modalidade escrita, sendo ela denominada como segunda língua. Esse processo deve ser considerado como aprendizado de uma língua estrangeira, considerando as particularidades do indivíduo (LACERDA, 2014).

Destacamos que uma proposta de educação bilíngue nos moldes que as pesquisas (LACERDA E LODI, 2009; LACERDA E SANTOS, 2009; LACERDA, SANTOS e MARTINS, 2016) tem indicado é uma tarefa complexa e que necessita de muito envolvimento e vontade política. Nessa direção a educação bilíngue só se concretiza plenamente quando os sujeitos surdos tem: acesso ao conhecimento em Libras entendida como língua de instrução e constituição da pessoa surda e acesso a Língua Portuguesa na modalidade escrita a partir de propostas educacionais que priorizem metodologias de segunda língua; escolas dispostas a realizar adaptações curriculares e metodológicas; Professores capacitados que compreendam as questões relativas a Libras e as especificidades linguísticas e sócio-culturais dos alunos surdos; Tradutores e Intérpretes educacionais; Professores bilíngues (surdos ou ouvintes); Professores ou instrutores de Libras (preferencialmente surdos); Contato com surdos (referências – participantes da comunidade surda). Além dessas questões a escola comprometida com uma educação bilíngue precisa difundir a Libras como meio de garantir que os alunos surdos possam ampliar os espaços em que se constitui em Libras.

Considerando que a educação das pessoas surdas tem girado em torno das questões relativas a língua em que devem construir seus conhecimentos, a presente pesquisa tem como objetivo compreender em que língua e em que espaços as pessoas surdas têm construído seu conhecimento acerca de sua sexualidade (conhecimento do corpo, masturbação, puberdade, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros).

3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Essa pesquisa tem caráter qualitativo, e pretende alcançar seus objetivos por meio da realização de um grupo focal. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador coleta seus dados com o contato direto com seus participantes, tendo a preocupação para a compreensão de comportamentos e experiências pessoais. Para Dias (2000) os métodos qualitativos são menos estruturados, proporcionam um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados, e lidam com informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos quantitativos.

Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa tende a compreender o fenômeno a ser estudado a partir da perspectiva dos participantes, considerando todos os dados que o participante aborda como importante.

Optamos por um grupo focal, entendido como uma técnica de pesquisa que coleta dados, por meio de interação social de certo grupo, com a mediação do pesquisador por meio *de tópicos relacionado à sua pesquisa (GONDIM; BAHIA, 2003).

De acordo com as diretrizes e normas que regem a pesquisa científica, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias e ficaram com uma delas para futuros contatos e/ou esclarecimentos. Número do parecer: 2.385.417.

3.1. PARTICIPANTES

Para a seleção dos participantes tínhamos em mente um grupo bastante diverso em relação a idade, sexo, estado civil, orientação sexual e língua de maior domínio. Foram convidados 14 jovens e adultos surdos usuários de Libras (6 mulheres e 8 homens) para que pudessem conversar conosco sobre seus conhecimentos acerca da sexualidade. Considerando os objetivos da pesquisa não foram convidados surdos não usuários da Libras. Também não foram convidadas pessoas menores de 18 anos devido ao objetivo do trabalho estar relacionado com a educação que elas já tiveram acerca da temática.

Por diferentes motivos, dentre os quais podemos citar a dificuldade para abordar a temática e a falta de compatibilidade de horário para participar do grupo, vários convidados não aceitaram participar da pesquisa. Então, o grupo focal foi composto pelos 5 jovens e adultos surdos, sendo 4 homens e 1 mulher, sendo que todos foram diagnosticados com perda auditiva profunda e são filhos de pais ouvintes. São eles:

Paula: Tem 36 anos. Embora seu primeiro contato com a Libras tenha se iniciado aos 11 meses de idade, eram pouquíssimas as pessoas com quem conversava em Libras antes dos 16 anos. Foi somente a partir dessa idade, em contato com a associação de surdos, que começou a se reconhecer enquanto surda, usuária da Libras.

Miguel: Tem 36 anos, só teve contato com a Libras a partir dos 19 anos.

Felipe: Tem 27 anos, só teve contato com a Libras a partir dos 13 anos de idade, período em que passou a frequentar a Associação de surdos.

Gustavo: Tem 31 anos, iniciou o contato com a Libras aos 22 anos de idade com um amigo surdo.

Tiago: Tem 29 anos, iniciou o contato com a Libras aos 10 anos quando passou a frequentar uma escola para surdos.

Além dos participantes de pesquisa o grupo contou com a participação da pesquisadora, sua orientadora, que coordenavam o grupo e de duas tradutoras e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa que mediavam apenas a comunicação.

3.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O grupo focal consistiu de uma reunião de aproximadamente duas horas discutindo acerca da temática sexualidade, espaços de aprendizado e o papel da Libras na constituição de sujeitos surdos. Durante a reunião ficou projetado um slide com os temas de interesse da pesquisa: conhecimento do corpo, menstruação, masturbação, puberdade, contraceptivo, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e orientação sexual. Os participantes foram convidados a discutir os temas apresentados e a conversar sobre suas experiências entre si.

A reunião aconteceu numa sala da universidade apropriada para reuniões. As carteiras foram dispostas em semicírculo e a câmera posicionada de modo a contemplar a visão de

todos os participantes da pesquisa. O slide foi projetado logo à frente dos participantes. As intérpretes se posicionaram ao lado direito (um pouco a frente) dos participantes. A pesquisadora e sua orientadora se posicionaram ao lado esquerdo (um pouco a frente) dos participantes. As discussões foram realizadas em Libras com tradução para Língua Portuguesa e eventualmente ao contrário quando pesquisadora e orientadora se colocavam como mediadoras. Optamos por apresentar nas análises a tradução/interpretação em Língua Portuguesa dos enunciados realizados em Libras.

Como mencionado, o objetivo foi de compreender como esses jovens e adultos surdos construíram seus conhecimentos acerca de sua sexualidade, em que espaços e em que língua. As análises dos dados transcritos foram orientadas por essas questões, resultando no estabelecimento das seguintes unidades temáticas:

- a) Espaços de aprendizagem;
- b) Construção de conhecimentos em Libras;
- c) Construção de conhecimentos em Língua Portuguesa.

4. SEXUALIDADE: COMO JOVENS E ADULTOS SURDOS CONSTROEM SEUS CONHECIMENTOS ACERCA DE SUA SEXUALIDADE, EM QUE ESPAÇOS E EM QUE LÍNGUA.

Em meio a tantas publicações na área da surdez, a interface orientação sexual e surdez ainda é uma esfera de conhecimento pouco explorada nos espaços acadêmicos. Nesse sentido, o presente trabalho pretende justamente contribuir para o entendimento do modo como as pessoas surdas têm construído os conhecimentos sobre sua sexualidade e também sobre os espaços em que esses conhecimentos são adquiridos. Interessa-nos em especial destacar em que língua esses sujeitos estão tendo a possibilidade de acessar os conhecimentos produzidos a respeito da temática justamente por considerarmos que é na e pela língua que eles se constituem.

Para atender a esse objetivo o grupo focal discutiu alguns temas propostos como conhecimento do corpo, masturbação, puberdade, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. A análise dos dados proporcionou a organização das seguintes unidades temáticas: Espaços de aprendizagem; Construção de conhecimentos em Libras e Construção de conhecimentos em Língua Portuguesa.

4.1. ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

Essa unidade de análise aborda os espaços de aprendizagem em que esses sujeitos construíram seus conhecimentos. Cabe salientar que entendemos como espaço de aprendizagem todo acontecimento que tenha proporcionado significação e/ou ressignificação de conceitos acerca da sexualidade. Procuramos ultrapassar o limite dos espaços físicos (que por si só pouco poderiam acrescentar na discussão) com o intuito de evidenciar as relações sociais que ali se estabelecem por acreditarmos que são nessas relações que construímos nossos conhecimentos específicos e nosso desenvolvimento de modo geral.

4.1.1. OS CONTEXTOS FAMILIARES

Embora as pesquisas apontem que uma orientação sexual adequada “proporciona ao indivíduo o conhecimento de seu próprio corpo, direcionada para uma educação que privilegia vínculos estabelecidos ao longo de toda a vida, na prática da cidadania” (SANTOS, 2010,

p.2), no cotidiano percebemos que essa temática ainda não é tratada com naturalidade pela maioria das pessoas, sejam elas, surdas ou ouvintes. O conjunto das análises indicam que os pais pouco contribuíram com informações a respeito da sexualidade, como também tiveram ações que poderiam ter comprometido o desenvolvimento de seus filhos. A experiência de Tiago a respeito do modo como seus pais encararam a masturbação demonstra isso.

Tiago: Ai um dia meus pais saíram e eu aproveitei, pois eles não estavam em casa, então eu comecei a me masturbar. Minha mãe chegou e abriu a porta sem que eu percebesse e ela viu. Acabou o mundo! Meus pais ficaram muito bravos comigo, eles diziam: “Onde já se viu? Que coisa feia”, começaram a gritar comigo e falar, falar, falar... Eu me arrependi de ter feito aquilo, então eu nunca mais fiz, só fora de casa. Isso foi muito engraçado.

No caso de Tiago, podemos perceber o quão tumultuado foi a percepção da família a respeito do período em que o mesmo estava conhecendo seu corpo e praticando masturbação. Tiago já tinha alguns indícios que essa atitude poderia ser vista como inadequada e por este motivo, relata que precisava esperar os pais saírem de casa para se masturbar. Quando questionado se conversava com a família a respeito de suas dúvidas pela orientadora da pesquisa, Tiago responde que nunca.

Tiago: Com a minha família nunca! Quando eu me masturbava, minha família começava com um falatório, espalhava para o resto da família e eu ficava morrendo de vergonha, então assim, nunca mais. Conversar sobre isso me gerou um certo trauma, então eu não conseguia falar sobre esses assuntos. Entre os amigos era sempre muito divertido a gente dava risada, mas com a minha família não, porque a minha mãe não sabia ficar com a boca fechada, ela contava para um, para outro, para um tio, para a família inteira, então eu me reservava. Com a família eu nunca discutia sobre essas questões de sexualidade, nunca.

Tiago não foi o único a enfatizar que os pais não eram pessoas com quem podiam conversar sobre essas questões. Paula também se posiciona a respeito de suas experiências.

Paula: Eu também! Minha família nunca me explicou, eles não eram muito abertos para esse tipo de diálogo, minha família era muito tradicional, muito fechada. Não sei se alguns tinham medo de falar, de explicar, com receio de eu ir lá e fazer depois. Eles eram fechados.

Tiago (complementa): Na verdade não se trata de medo, é vergonha. Esse era o caso dos meus pais.

Nesse diálogo podemos observar que os pais desses sujeitos não conversavam e não ajudavam seus filhos a elaborar significações positivas acerca do momento que estavam vivendo. Esses jovens não podiam conversar com seus pais sobre as mudanças de seu corpo e muito menos a respeito das informações necessárias a manutenção da saúde do mesmo. Esses pais podiam até perceber a necessidade, mas por motivos que não pudemos averiguar por não ser intuito dessa pesquisa, deixaram de propiciar um espaço importante para o aprendizado acerca de questões tão importantes.

O pai que chegou mais próximo de uma orientação nesse sentido foi o pai de Miguel que ao receber um chamado da escola sobre uma situação em que seu filho foi pego com uma menina na escola (veremos mais adiante) resolveu entregar-lhe algumas camisinhas. Mas foi só, porque as explicações precisaram ser feitas pela professora.

Essa postura familiar (dos pais) de ignorar a temática, existente em grande parte das famílias, embora possa ser prejudicial para todos jovens que estão entrando na puberdade, é ainda mais cruel com os jovens surdos que tem acesso restrito as informações que outros jovens (ouvintes) podem obter em outros espaços facilmente. No caso de Tiago foi ainda mais perturbador. Seus pais não apenas evitavam o assunto como os pais de Paula, mas tornavam o assunto motivo de repressão ou de risos. Ao mesmo tempo que sua família reprimia, ele era motivo de risos familiares.

Ao reconhecer que a postura de seus pais lhe causou um trauma, podemos inferir que por algum tempo ele precisou reorganizar isso internamente. A repressão dos pais poderia ter lhe causado ainda mais problemas, se não fossem os amigos com quem ele podia conversar e rir a respeito e sua capacidade de resignificar suas experiências de modo construtivo.

O diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade não é considerado uma tarefa fácil, mesmo nos dias atuais, os filhos sentem-se, normalmente, constrangidos ou temem a desaprovação e os pais sentem-se despreparados. Os pais, quando conseguem abordar o tema, acabam impondo conselhos ou tratando o tema como os pais do Tiago trataram, fazendo com que o filho não os busque futuramente, com medo da repreensão. Por fim, o tema sexualidade dentro de casa é marcado por dois lados que reconhecem o problema, mas evitam abordá-lo (DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. 1999).

É claro que existem os casos em que as famílias não teriam informações suficientes para suprir a curiosidade de seus filhos, mas muitas vezes não se trata de ausência de conhecimento mas de disponibilidade para abordá-lo como podemos observar no trecho abaixo em que Paula explica sobre seus conhecimentos acerca da gravidez.

Paula: Já, eu já sabia (respondendo que sabia como se engravidava). Mas eu tinha medo de pegar alguma coisa em qualquer lugar... eu tinha lido sobre uma mulher que pegou AIDS depois de uma relação sexual, em que o parceiro ejaculou nela e ela pegou a doença. Então eu imaginava que poderia ficar grávida dessa forma também, e isso me deixava muito preocupada. Porque muitos homens gostam de se masturbar, então eu ficava com medo de engravidar na piscina ou em qualquer outro lugar. Isso porque eu não tinha informação, minha família não falava nada sobre isso, então eu ficava muito angustiada, nervosa. Eu ia buscando informações com um e com outro, eu perguntava para as amigas, perguntava para minha irmã, e assim eu fui sabendo mais sobre as responsabilidades da mulher, o que pega, o que não pega, e tal [...] A questão dos métodos contraceptivos, era muito difícil, pois minha família não me explicava absolutamente nada, nem como usar uma camisinha, nada. Lá em casa eram todas mulheres, meu pai não ficava em casa, ele viajava muito, estava sempre fora. Mas eu queria saber sobre essas coisas, sobre a camisinha etc. Um dia eu estava no auditório da escola, pois ia ter uma palestra sobre sexualidade, sobre como usar camisinha entre outras coisas. Quando eu olho para o palco, quem eu vejo lá? Meu pai, meu pai era o palestrante. Ele mostrou como se usa a camisinha, ele pegou uma banana e colocou a camisinha. E então eu pensei, nossa, meu pai aqui explicando tudo isso pra todas essas pessoas e pra mim, que sou filha dele ele nunca explicou? Por que? Meu pai era professor de biologia, trabalhava em laboratório, em casa ele nunca me explicou nada, eu fui aprender com ele, mas só que em outro contexto. Aquela pessoa que estava ali explicando não parecia ser meu pai, não parecia. [...]

A situação de Paula é bastante singular, nenhum dos demais participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de aprender sobre a temática com seus pais em outros espaços. Mas nos faz pensar a respeito do conhecimento dos demais familiares de pessoas surdas. Os pais, pelo menos a maioria deles, possuem conhecimentos acerca da gravidez, de métodos contraceptivos, sobre doenças sexualmente transmissíveis entre outros. Ainda que os outros pais não sejam formados na área, como o pai de Paula, certamente teriam condições de trocar informações básicas a respeito do tema. Podemos inferir ainda que a sexualidade é um tema censurado pela sociedade, e que os pais de surdos não são diferentes dos pais de ouvintes, no que diz respeito ao preconceito e ao medo de abordar esse assunto com os filhos.

Paula também se distingue dos demais participantes no que diz respeito a sua família porque ela encontrou na irmã uma pessoa com quem podia conversar e tirar suas dúvidas.

Paula: Eu era mais próxima da minha irmã mais velha, ela não sabia língua de sinais, mas ela me explicava as coisas, sempre que eu tinha dúvidas eu perguntava para ela, pois ela já tinha namorado, já tinha

perdido a virgindade, então eu me reportava sempre a ela, com as outras pessoas eu não tinha essa liberdade para conversar. Já a minha fonoaudióloga, ela sabia língua de sinais, então tinha coisas que eu perguntava pra ela, mas eu tinha medo que ela contasse para minha mãe, então tinha coisas que eu contava para fono e tinha coisa que eu contava para a minha irmã, mas eram só as duas. A minha irmã não sabia língua de sinais, nós conversávamos oralmente, eu já estava acostumada a oralizar com ela.

Paula: [...] já com a fono a nossa conversa era sempre em língua de sinais. Essas palavras (temas usados para o grupo focal) são difíceis de entender, depois de um tempo com o visual e assistindo filme, comecei a entender algumas coisas, praticar. Porque até então era muito fechada, então eu mesma tinha que buscar sozinha, descobrir sozinha, perceber sozinha e pela visualidade.

Encontramos duas diferenças significativas no que diz respeito a família de surdos e ouvintes no que diz respeito ao aprendizado da sexualidade. Inicialmente, uma subestimação do surdo enquanto sujeito que cresce e que também se envolve em relações ligadas a sexualidade, eles têm corpos que se transformam, se masturbam, namoram e tem relações sexuais como qualquer outra pessoa.

Paula: [...] Então é muito importante explicar, independentemente da idade, pois a família não pode achar que porque a pessoa é surda ela não precisa saber dessas coisas. Tanto o surdo quanto o ouvinte devem aprender por igual. Não adianta pensar que o surdo não vai fazer, porque um dia ele vai fazer.

Quando Paula expressa que a família do surdo acha que eles não precisam saber desse tema, porque eles têm a ideia de que o surdo nunca terá nenhuma vivência sexual, ela aborda uma questão mais comum do que podemos imaginar. Isso é bastante comum nas famílias de deficientes, por toda a má ideia formada em torno desse tema. Bastos (2005) traz que:

O desenvolvimento da sexualidade é uma etapa fundamental do ser humano. Acreditamos que a disseminação da informação sobre a questão é um dos elementos contribuintes para que alguns tabus sejam revistos, e conseqüentemente seu exercício seja possível, saudável e seguro. Para isto, este debate precisa ser implementado mais amplamente na sociedade, em especial nas famílias, que encontram dificuldades para a discussão do assunto com seus filhos adolescentes, principalmente quando eles têm deficiência mental. Um dos entraves para a discussão da sexualidade das pessoas com deficiência se deve à quase inexistência de relatos de experiência sobre o assunto. Esta ausência talvez se relacione aos preconceitos e à discriminação ainda presentes, que muitas vezes sustentam a ideia de que eles não têm o direito de exercer a sua sexualidade.

Mas consideramos que a diferença mais significativa diz respeito a ausência de uma língua compartilhada. Ainda que os pais ouvintes de filhos surdos tenham disponibilidade de conversar sobre a temática, as condições linguísticas tanto das pessoas surdas quanto de seus familiares podem comprometer as significações possíveis.

É claro que algumas situações mais simples, relacionadas a situações mais concretas do cotidiano chegam a ser resolvidas com um pouquinho de criatividade e muita disposição, como podemos perceber no trecho em que Felipe comenta uma experiência significativa no processo de aprendizagem acerca do corpo da mulher que teve com sua irmã.

Felipe: Complementando a fala dela sobre essa questão de revistas sobre sexo/sexualidade, as vezes eu pegava algumas revistas, mas não me dava conta de que se tratava disso, o meu conhecimento era muito superficial, as pessoas falavam sobre isso, mas por falta de comunicação eu não tinha acesso, então para mim não passava de imagens, figuras, não tinha outros significados. Eu olhava, mas não entendia claramente. Os caras comentavam sobre vagina, o formato e tal, eu achava estranho, eu olhava aquelas imagens e não sabia direito o que era aquilo, eu achava estranho as mulheres terem aquilo, e meus amigos falavam: sim, as mulheres tem isso, olha lá aquela mulher.... Eu olhava, mas... não fazia sentido, eu não conseguia imaginar. Depois eu pedi para ver a da minha irmã, ela mostrou, aí eu relatei com a imagem que eu vi e a partir daí começou a fazer sentido.

O maior problema dessa forma de constituição (desenvolvimento parcial de uma língua) é que nem tudo pode ser significado por imagens, cenas ou filmes. Em nossa perspectiva as possibilidades de desenvolvimento de todos os seres humanos encontram-se na vida social, na e pela aquisição de uma língua, pela qual os sentidos e significados vão permitir acesso ao conhecimento de conceitos em específico e do raciocínio de modo geral.

Ao comparar sua mãe com sua professora da associação de surdos, Felipe destaca o quanto a condição linguística de sua mãe impedia que a mesma pudesse conversar com ele.

Felipe: Eu nunca recorria à minha mãe, pois ela sempre falava “depois te explico”, mas também tinha a questão da comunicação [...] eu não conseguia conversar com a minha mãe. A falta de comunicação era muito grande, quando ela começou a fazer curso (de Libras) é que a gente começou a se comunicar mais abertamente, eu fazia umas perguntas mais indiscretas e a gente começou a conversar bastante, hoje em dia é bem aberto com meus pais, mas esse tipo de assunto, nunca...

Esse relato de Felipe reafirma a tese que as significações só são possíveis na e pela língua. Será mesmo que Felipe não conseguia conversar com a mãe? Ou era ela que não conseguia conversar com o filho? O mesmo Felipe que afirma não ser capaz de conversar com a mãe, acrescenta que a comunicação melhorou quando a mãe se dispôs a aprender sua língua. Nesse sentido voltamos ao ponto inicial desta análise, ainda que as famílias compartilhem a mesma língua de seus filhos, em sua maioria, elas optam por não conversar a respeito de certos assuntos, sejam os filhos surdos ou ouvintes.

Essa postura impulsiona os jovens a procurarem as informações desejadas em outros espaços, com outras pessoas. Os jovens, principalmente na entrada da adolescência tendem a procurar informações com outros adolescentes que na maioria das vezes também são imaturos. Essa busca por informações e conhecimentos pode colocá-los em perigo a depender de quem são as pessoas com quem se identificam.

Nesse sentido, os jovens surdos estão em grande desvantagem quando comparados aos jovens ouvintes. As informações em Língua Portuguesa estão acessíveis em diversos espaços. Os jovens ouvintes podem construir seus conhecimentos sobre a sexualidade na escola, na praça, no clube, na igreja, na conversa com os amigos, nas redes sociais, pelo acesso à internet, no contato com os livros e materiais disponíveis. Essas informações não estão disponíveis nem em quantidade e nem em qualidade aos jovens surdos que em sua maioria não dominam a Língua Portuguesa ou a dominam parcialmente.

Eles vivem em uma sociedade ouvinte usuária da Língua Portuguesa que pouco se preocupa com a acessibilidade em Libras para pessoas surdas e por outro lado sofrem as consequências de um sistema de ensino precário que não tem assegurado a condição bilíngue a essas pessoas, pior, por vezes não asseguram a aquisição de nenhuma das línguas. Alguns dos participantes dessa pesquisa tiveram suas vidas marcadas por esse momento histórico como podemos perceber a seguir.

4.1.2. A COMUNIDADE OUVINTE E OS AMIGOS OUVINTES

Na ausência de espaços de diálogo nas famílias, os participantes dessa pesquisa construíram seus conhecimentos acerca da sexualidade em lugares bastante diversos, mas na maioria deles espaços estruturados e pensados para satisfazer as necessidades das pessoas que não possuem perdas auditivas. Iniciamos nossa análise pela experiência de Gustavo, um moço

de 31 anos que afirma ter pouco conhecimento da Língua Portuguesa e que só teve acesso a Libras a partir dos 22 anos.

Gustavo não teve com quem conversar para entender as mudanças de seu corpo na puberdade, teve pouco acesso a informações básicas a respeito de masturbação, ejaculação, métodos contraceptivos, prevenção de doenças ou sexo. Até os 22 anos Gustavo viveu em um mundo em que as informações circulavam apenas em português, língua inacessível a ele na modalidade oral por ser surdo, e conseqüentemente pouco compreensível na modalidade escrita, considerando que não havia uma aquisição de língua que lhe permitisse atribuir significados aos signos escritos. No seu caso, as experiências aconteceram antes mesmo que houvesse uma língua capaz de organizar o pensamento e planejar as ações.

Gustavo começa explicando que na escola ele via as fotos, as imagens de espermatozoide, óvulo, vagina... que os outros alunos riam mas que ele não entendia o que estava acontecendo, não fazia sentido, ele só ficava vendo as coisas que aconteciam. O trecho abaixo demonstra que para Gustavo as significações surgiam quando as coisas aconteciam na prática.

Gustavo: Aos 14 anos, tinha uma menina ouvinte afim de ficar comigo, mas eu era muito tímido e não sabia o que fazer, daí um amigo de infância que estudava comigo começou a me incentivar a ficar com ela. Bom, mesmo com muita vergonha, nós ficamos, mas foi uma vez só, só um dia. Já aos 15 anos, eu tinha um amigo que morava próximo de casa, ele era mais velho do que eu, tinha por volta de 21 ou 22 anos e namorava com uma menina de 18 anos, ambos eram ouvintes. Uma vez nós estávamos na casa dele a noite, jogando sinuca e em torno das 23:00 o pessoal começou a ir embora e esse meu amigo me chamou para participar de uma brincadeira. Estávamos em três e sentamos em círculo, cada um pegou três palitos de fósforo. A brincadeira era assim, cada um pensava em um número, por exemplo: 2, 3, 5 e depois somava os números e quem perdesse tinha que retirar uma peça de roupa. Eu como era muito tímido, fiquei assustado, eu fiquei com muita vergonha, mas mesmo assim eu tentei. Aí teve uma rodada em que eu falei o número 3, meu amigo falou o número 1 e a menina falou o número 5. Ao fazer a soma, ela acertou o número, 5, então eu e meu amigo tivemos que tirar uma peça de roupa, no caso começava pela camiseta. Foram passando outras rodadas e a gente ia retirando outras peças, sapatos, meias... Chegou uma hora em que ela também foi tirando as peças de roupa dela até que ela ficou só de calcinha e sutiã, quando eu vi aquilo, fiquei excitado. Depois ela tirou o sutiã e meu amigo pegou na minha mão e colocou no peito dela. Eu fiquei morrendo de vergonha, eu falei: calma, calma, vai devagar... era a primeira vez que eu estava fazendo isso. Depois eu e meu amigo perdemos, quando eu me dei conta, ele também estava excitado. Daí depois essa menina perguntou se eu toparia transar com ela, aí eu

disse que não, que eu nunca tinha feito isso e que eu não sabia como fazer, e também, eu não tinha camisinha. Eu sabia que não podia transar sem camisinha devido a uma aula que eu tive na escola, sobre prevenção.

Em nossa perspectiva teórica, as possibilidades de constituição humana de Gustavo nesse período de sua vida, ainda que já fosse um jovem, estavam aquém do desenvolvimento esperado para sua faixa etária. O pouco domínio de língua não permitia que Gustavo se deslocasse do campo perceptual. Na maioria das vezes Gustavo era pego de surpresa pelas situações em que seus amigos o colocavam como podemos perceber no trecho abaixo.

Gustavo: Aos 17 anos, eu estava conversando com um rapaz ouvinte, ele era mais velho do que, quando ele me chamou pra ir em um lugar com ele de carro, eu sem saber de nada, fui. Chegando lá, a porta estava fechada e ele me chamou para entrar. Quando eu entrei lá, tinha umas moças dançando pole dance (Nesse momento Miguel interrompe e pergunta se esse lugar ficava em um local específico e após a explicação de Gustavo, ele diz conhecer). Ai nós sentamos em uma mesa, ele pediu uma cerveja pra gente, uma garota bem jovem se aproximou desse meu amigo que era bem mais velho, eles ficaram ali conversando e eu morrendo de vergonha. Depois de um certo tempo, esse meu amigo me perguntou se eu não queria transar com nenhuma menina, eu disse a ele que eu não tinha levado dinheiro e ele se propôs a pagar pra mim. Então eu peguei uma e transei duas vezes.

Paula: sem camisinha?

Tiago: Você transou de graça?

Gustavo: Não, eu usei camisinha. Ele me pagou pra mim.

Concordamos com a afirmação de Costa (2014) que a sexualidade é algo que se constrói socialmente, sendo fundamental para o desenvolvimento da personalidade, porém, no caso de Gustavo, seu entorno social o colocava em situações novas, nem sempre desejadas por ele. Quando questionado sobre a língua em que ele aprendia ele explica:

Gustavo: Eu lia em português, mas não entedia muito, então quando tinha alguma imagem eu sempre recorria às ilustrações, às vezes quando eu estava assistindo algum vídeo eu ia pelo contexto.

Essa afirmação nos dá indícios que nossa análise não está equivocada quando afirmamos anteriormente que Gustavo tinha pouquíssimo domínio de língua e por este motivo tinha muitas dificuldades para acessar as informações que os outros jovens de sua idade já tinham conhecimento. Gustavo não pensou, nem planejou suas experiências acerca de sua vida sexual, seus amigos fizeram isso por ele. Podemos afirmar que nesse período seu aprendizado esteve muito mais ligado as experiências concretas, vivenciadas junto com

amigos, mas com pouca possibilidade de discutir e refletir a respeito delas. Na ausência de uma língua que pudesse orientar, guiar e planejar suas ações, Gustavo constrói seu conhecimento do corpo e inicia sua vida sexual com pouquíssimas informações.

A curiosidade de Miguel foi impulsionada por outros motivos, seu interesse foi despertado inicialmente por revistas que teve acesso na casa de seu tio e depois por vídeos com conteúdo pornográfico de seu pai.

Miguel: Miguel: Aos nove anos de idade eu era todo inocente. Eu lembro eu fui dormir alguns dias na casa de uma tia, aí teve um dia em ela estava vendo uma revista pornô, e quando eu cheguei ela foi logo escondendo a revista e disfarçou. Quando ela saiu, eu fui direto no esconderijo e peguei a revista, lá tinha imagens de homens musculosos, fazendo pose e tal. Conforme eu fui folheando a revista, eu fui ficando excitado.

Tiago: Com nove anos de idade?

Miguel: Às vezes acontece. E eu comecei a ver, comecei a sentir tesão, tinha fotos de mulheres com os seios de fora, vagina....homens com o pau duro, enfim...A minha tia chegou arrancando a revista da minha mão, eu pedi desculpa, disse que a revista estava logo ali e eu peguei. Ela me deu o maior sermão e guardou a revista em um lugar alto. Depois ela acabou contando pra minha família e tal, mas eu nem me importei. Bom, depois de um certo tempo, tinha aquelas fitas cassete, sabe? Então, no mesmo local onde minha tia guardou a revista, tinha uma fita, eu peguei, fiquei olhando, abri a caixinha e coloquei a fita pra rodar. Já no começo tinha cenas de sexo, e novamente eu fiquei com tesão e excitado, no vídeo tinha de tudo, sexo oral, anal, etc. Antes que minha tia chegasse eu consegui tirar a fita e guardar no lugar de volta. Não dava pra esconder, eu estava excitado, eu tive que pegar uma almofada e colocar por cima pra disfarçar, eu estava todo vermelho. Depois, quando eu tinha treze anos, eu estava na escola e combinei com o pessoal de ir todo mundo pra minha casa, pois eu estava sozinho, meus pais tinham saído. Eu peguei aquela fita, e coloquei pra gente assistir. Quando começou o vídeo, um colega começou a se masturbar, ele disse que era bom, era gostoso. Desde então, eu comecei a fazer isso todos os dias embaixo do chuveiro.

Os amigos de Miguel eram ouvintes, ele afirma que os conhecimentos que ele adquiria nessas relações eram aqueles que ele conseguia apreender por leitura labial, mímicas e gestos. Certamente que compreendia também pelas revistas que olhava e pelos vídeos que assistia. Ele destaca que o fato de ser surdo também o colocou em situações bastante difíceis como podemos imaginar a partir do trecho a seguir.

Miguel: Eu estava na sala de aula. É verdade, sério! E aí um dos meninos ficou na porta da sala, de olho pra ver se a professora não vinha, ele ficou vigiando na porta enquanto eu estava lá com a menina. De repente a professora apontou lá na frente e ele avisou que a professora estava vindo, eu arrumei a calça rapidinho, mas a menina demorou e não deu tempo, a professora acabou descobrindo tudo. Nossa, ela deu o maior sermão na gente, ela falou que não podia fazer aquilo etc, e ela acabou contando pra minha família e pra família da menina. Quando eu cheguei em casa, meus pais ficaram meio que sem saber o que falar, como fazer, mas daí eles me falaram que precisa usar camisinha. Meu pai veio com uma cartela de camisinhas e me entregou, mandou eu guardar no bolso.

Tiago: você sabia como usar? Seu pai te orientou?

Miguel: Não, a professora me ensinou. Eu falei que não iria mais fazer aquilo com as meninas, então eu comecei a ir no banheiro para me masturbar, eu fiquei um bom período só fazendo masturbação. Com 21 anos eu terminei o ensino médio, depois com 23 eu conheci umas meninas e aí eu comecei a ficar.

Tiago: Então você perdeu a virgindade com 23 anos?

Miguel: Isso, com 23.

A ausência de acesso as informações e também das regras sociais a respeito dos lugares mais apropriados para cada tipo de atitude, causaram a Gustavo e Miguel experiências distintas, mas que possuem o mesmo pano de fundo: falta de acessibilidade aos conhecimentos devido as questões linguísticas. Pano de fundo também do episódio em que Felipe pede para ver a vagina da irmã.

Esses episódios são indícios do quanto a ausência de língua compromete a compreensão dos participantes dessa pesquisa. Isso nos faz pensar que ainda que as escolas e os espaços tenham consciência que o surdo apreende o mundo pela visualidade, os significados precisam ser mediados numa língua acessível as pessoas surdas, no caso a Libras e construídos na relação com o outro, membro mais experiente da cultura.

Cabe salientar que a ausência de uma língua compartilhada compromete o acesso ao conhecimento e conseqüentemente o desenvolvimento desses sujeitos mas não inviabiliza que surdos e ouvintes possam estabelecer relações produtivas e bastante significativas como podemos perceber a partir do relato de Felipe.

A troca de experiência que Felipe realiza com os amigos ouvintes é bem diferente da do Gustavo e Miguel. São influências que não colocam em risco sua saúde, e acrescentam curiosidades acerca de questões que não estão acessíveis em Língua Portuguesa e muito menos na comunidade surda. Como exemplo dessas relações Felipe destaca as dicas que

recebeu de seus amigos ouvintes com relação as diferenças entre fazer sexo com outra pessoa surda ou com uma pessoa ouvinte.

Felipe: Eu jogava bola com um grupo de amigos ouvintes, e quanto terminava a partida a gente ficava conversando sobre questões relacionadas a sexo, término de namoro, enfim, sobre vários assuntos, um aconselhava o outro, era uma troca. Tinha um que era casado mas dizia que amava outra mulher, ele dizia que usava a esposa apenas, aquilo me deixou surpreso. Enfim, muitas das coisas que eu aprendi neste sentido foi com ouvintes, eles me explicavam formas diferentes de fazer sexo, as novidades, e ali eu aprendia e reproduzia depois, era diferente. Também sobre as novas tendências de camisinha, tinha umas neon, que brilhavam no escuro, com cores diferentes, então eles me diziam onde comprar e eu ia lá e comprava. Essa camisinha combina perfeitamente para os surdos, pois é visual. É melhor muito melhor.

[...]

Felipe: Sobre isso que eles estão falando, os ouvintes têm mais experiência, na hora do sexo certos sons são importantes, precisa rolar alguns gemidos e tal, para deixar a transa mais gostosa, excitante. Nesse ponto o ouvinte é diferente. Já eu dizia para os meus amigos que eu gozava e pronto, eles me criticavam bastante, daí eles orientavam de como fazer, mas eu dizia que eu era surdo e que eu tinha uma cultura diferente. Daí conversando, a gente foi percebendo essas diferenças culturais que existia na hora do sexo. Eu perguntei o que eles falavam quando estavam transando, aí eles me disseram que quando você está quase pra gozar, você chama a mulher de gostosa, e coisas do tipo. Então eu ia aprendendo com os ouvintes e depois colocava em prática aquilo que eles me ensinavam.

Paula: por isso que precisa dessa interação, a gente precisa aprender esse tipo de informação para satisfazer melhor o parceiro, a gente não pode ser egoísta.

4.1.3. A COMUNIDADE SURDA E OS AMIGOS SURDOS

O contato com a comunidade surda tem ocupado lugar de destaque em muitas pesquisas na área da surdez por serem considerados espaços privilegiados de constituição da identidade surda. Os relatos dos surdos também têm sido cada vez mais divulgados tanto nas redes sociais quanto em produções destinadas para este fim como é o caso do livro organizado por Vergamini (2003).

Com exceção de Miguel, que embora possamos compreender nas entrelinhas e em suas concordâncias com os demais a respeito do papel da Libras no desenvolvimento dos mesmos, não temos dados que nos permitam afirmar em que medida a participação dos

amigos surdos e da comunidade surda influenciou seu aprendizado acerca da sexualidade, os demais participantes dessa pesquisa apresentam relatos que demonstram que suas vidas se dividem claramente em dois períodos: antes e depois de terem tido contato com a Libras e/ou com a comunidade surda. Os trechos a seguir, acontecem em diferentes espaços físicos mas são representativos do mesmo espaço constitutivo: do espaço de vivência em Libras.

Trecho em que Gustavo conta sobre seu contato com Miguel.

Gustavo: Eu tinha vinte e dois anos quando eu encontrei o Miguel, aí ele começou a me ensinar. Hoje tenho trinta e um anos.

A experiência de vida de Gustavo lhe trouxe muitos aprendizados práticos, mas o encontro (ou reencontro) com Miguel parece ter sido a grande mudança em sua vida. Os olhares que trocaram quando Gustavo disse anteriormente que começou a aprender língua de sinais com Miguel era de orgulho por parte de Miguel por ter sido seu “professor” e de gratidão por parte de Gustavo que parecia agradecer a Miguel tudo o que fez por ele.

A identidade surda, segundo Santana (2005), está relacionada com o uso da língua, ou seja, quando surdo adquire a língua de sinais, sendo ela a única que traz seu desenvolvimento pleno, e entra em contato com outro surdo faz com que, ele adquira sua identidade surda. Esse encontro com a identidade surda dos demais participantes aconteceu no contato com a associação de surdos e com a escola bilíngue como podemos perceber em seus relatos.

Associação de surdos

Felipe conta sobre seus primeiros contatos com a associação e de sua relação com a professora:

Felipe: Aos 13 anos eu comecei a ter contato com a língua de sinais por causa da associação de surdos, lá tinha várias coisas. Aos 18 anos eu já tinha aprendido mais sinais e estava muito feliz com a língua de sinais. Eu fui desenvolvendo...

Felipe: Ela não era minha professora, era como se fosse minha segunda mãe. Ela me ensinava de tudo, qualquer coisa que acontecia eu ia nela e ela me explicava [...] Sobre tudo que acontecia, tudo que eu aprendia, eu comecei (frequentar a associação de surdos) com 14 anos, essa professora me ensinava. Ela teve uma grande responsabilidade em todo meu aprendizado, sou muito grato a ela.

Paula conta sobre o contato com a associação de surdos.

Paula: Tive muito problemas em relação à minha identidade, já tive depressão, eu não sabia o que eu era, se eu era meio ouvinte, se era surda. Depois, quando eu descobri a associação de surdos eu me

encontrei e me assumi enquanto surda, e desde então comecei a usar língua de sinais.

Escola bilíngue

Tiago: Minha mãe sempre oralizava comigo, ela me colocou numa escola, e lá ela notou que eu não tinha uma identidade de surdo, e também eu nem sabia o que eu era. Foi então que minha mãe percebeu que eu precisava disso e ela me tirou dessa escola e me matriculou em uma escola em outra cidade. Foi nessa escola onde tudo começou, quando eu cheguei lá, eu vi aquelas pessoas sinalizando, eu perguntei pra minha mãe o que era aquilo, e ela me respondeu que eles eram iguais a mim. Aquilo foi um misto de sentimentos, e desde então eu comecei a sinalizar e a oralizar menos.

A partir desses relatos, podemos afirmar que para esses sujeitos, o contato com a comunidade surda (associação de surdo e escola bilíngue) foi o espaço privilegiado de aquisição dos conhecimentos acerca da sexualidade de modo mais específico (interesse dessa pesquisa) e também de seu desenvolvimento de modo geral. De acordo com os relatos podemos perceber que a comunidade surda cumpriu para esses surdos o papel que a sociedade de modo mais geral cumpre para as pessoas ouvintes.

Nesse sentido a associação de surdos e a escola bilíngue surgem nessa pesquisa como o local em que as pessoas surdas têm acesso a informação, podem compartilhar uma imagem positiva da surdez, ampliam suas possibilidades de desenvolvimento e constroem/internalizam uma imagem positiva de si mesmas e principalmente o local em que as pessoas compartilham uma mesma língua: a Libras.

No caso da educação bilíngue, as pesquisas (LACERDA E LODI, 2009; LACERDA E SANTOS, 2009; LACERDA, SANTOS e MARTINS, 2016) apontam caminhos têm sido trilhados na tentativa de favorecer espaços educacionais que contemplem as necessidades das pessoas surdas. É uma pena que os espaços das associações estejam sendo pouco utilizados pelas novas gerações de surdos como destaca Paula.

Paula: [...] a associação é um espaço importante para adquirir informações, haver trocas, aprender, mas parece que está perdendo a importância, está ficando de lado (referindo-se ao fato da preferência dos surdos pela tecnologia), não tem mais importância como tinha antes [...] Os surdos devem buscar a associação, porém os surdos não conseguem perceber a importância dela.

Concordamos com Paula que as associações são espaços importantes de aprendizado e de trocas de informações para as pessoas surdas. No entanto, cabe destacar que se antes eram um dos poucos espaços em que a língua de sinais circulava, agora é apenas mais um. A tecnologia e a internet têm permitido que as pessoas se conectem e se relacionem mesmo que não estejam face a face. Nessa direção, as associações de surdos precisa se reconfigurar para atender as necessidades de acordo com esse novo momento histórico para que continuem sendo espaços privilegiados de relações sociais.

4.2. CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Essa unidade de análise busca evidenciar o papel que a Língua Portuguesa ocupou e/ou ainda ocupa no aprendizado e na produção de significações no que diz respeito aos temas abordados por essa pesquisa. Para atender a esse propósito apresentamos dados relativos a construção dos conhecimentos tanto na juventude quanto na vida adulta.

Tomando como tema as doenças sexualmente transmissíveis Paula destaca um pouquinho como era seu aprendizado em Língua Portuguesa.

Paula: [...] o que eu tinha de informação, sobre doenças sexualmente transmissíveis, era o que eu via na televisão e nas campanhas por meio de folhetos que eram distribuídos. Mas eu achava difícil pra entender aqueles termos, se fosse em Libras, seria mais claro.

Tiago: Principalmente na época de carnaval.

Paula: É, então, eu olhava aquilo, mas ainda assim faltava explicação, na minha época esses assuntos eram tabus, não se falava sobre eles, era difícil. Sobre gravidez, hoje é muito mais fácil, por exemplo, eu engravidei tardiamente, eu tinha 33 anos quando eu engravidei, então já existiam muitos recursos tecnológicos, internet, etc, então eu conseguia pesquisar como engravidar, o que pode, o que não pode, coisas do tipo. Por saber bem o português eu acessava às informações pela internet, às vezes eu recorria a algumas mães surdas que já tinham tido filhos, elas me ajudaram muito nesse sentido, tem um grupo de mães surdas no facebook, ali tinha muitas informações em línguas de sinais, muitos vídeos postados, isso também me dava mais segurança [...].

Paula tem clareza que o nível de conhecimento que tinha da Língua Portuguesa não era suficiente para se apropriar de determinado assunto. Sua experiência lhe confirma que quando as informações estão disponíveis em Libras, os significados são mais consistentes e

lhe trazem mais segurança. No entanto as informações que circulam na sociedade e na internet (citada por ela como fonte de informação), em sua maioria, em questão de acesso ao conteúdo no Brasil, está em português.

Ninguém se constitui em apenas uma língua quando vive nesse intercâmbio de línguas. Seria muita ingenuidade destacarmos que determinado assunto esses participantes aprenderam em uma língua e outro assunto aprenderam em outra língua. Mas os relatos desses sujeitos deixam evidente que na juventude as informações em Língua Portuguesa eram pouco acessíveis e confusas.

Gustavo: Antes eu não tinha Libras, me comunicava somente pela oralidade, mas nem sempre era possível, então às vezes eu fazia alguns gestos. Assim que foi criado o Orkut, eu passei a usar com frequência e a conhecer pessoas novas. [...] Eu lia em português, mas não entendia muito, então quando tinha alguma imagem eu sempre recorria às ilustrações, às vezes quando eu estava assistindo algum vídeo eu ia pelo contexto.

Paula é uma pessoa que hoje em dia tem domínio da Língua Portuguesa, diferente de Gustavo que ainda enfrenta inúmeras dificuldades com relação a essa língua. A Língua Portuguesa continua sendo um desafio a ser enfrentado na educação dessas pessoas. Ainda que a língua de constituição desses sujeitos seja a Libras, é de extrema importância que a escola e a sociedade se responsabilize em proporcionar uma condição bilíngue aos participantes dessa pesquisa e a todos as outras pessoas que apresentam alguma perda auditiva.

Quando questionados sobre o modo pelo qual tem adquirido as novas informações a respeito da temática, Felipe e Tiago, assim como Paula, também buscaram a internet.

Gustavo: Eu busco no google as informações, tipo, sobre o descobrimento e colonização do Brasil em 1500, eu pesquisei lá e tive acesso a vários textos, dos quais eu ia lendo e isso me ajudava a ir ampliando meu conhecimento, então passei a usar isso como estratégia para aprender sobre as coisas de um modo geral.

Felipe: Eu sou viciado em internet, lá eu consigo informações sobre tudo, inclusive sobre sexo/sexualidade. Eu busco as informações em Português e em seguida eu jogo o trecho em português para que um avatar traduza para Libras. Às vezes eu leio em português e vou pelo contexto, em situações de dúvidas eu memorizo a palavra e pergunto aos meus amigos, caso eles não saibam me responder, eu pesquiso na internet pra ver se procede aquela informação ou não, pois assim

como os surdos, os ouvintes também não sabem algumas coisas e tem dúvidas sobre o assunto, então “ah, porque é surdo”, não o ouvinte também tem disso. Algumas descobertas eu mesmo faço, pesquiso aquilo que tenho curiosidade, por exemplo, às vezes eu estou no computador e me vem uma palavra aleatoriamente, eu vou lá e pesquiso. Eu busco mais pelo português.

Tiago: Eu acompanho sempre os noticiários e acontecimentos, por exemplo, agora virou moda falar que homossexualidade é doença, essas reportagens eu vejo em sites como Terra, UOL, G1, Globo, enfim, eu sempre fico a par dessas notícias pela internet. Eu leio as reportagens, discuto com o meu marido, pergunto o que ele acha, qual a opinião dele sobre o tema, às vezes a gente discute entre a gente mesmo, as vezes meu marido descobre o que está acontecendo e me passa a informação, a gente está sempre compartilhando. Uma pena, eu acho que poderia ter essas informações atuais em Libras para que outros surdos possam ter acesso porque às vezes o surdo tem dificuldade em português na leitura a gente sabe ler, mas...

Tiago tem clareza que nem todos os surdos possuem as mesmas condições que ele, Paula e Felipe de acesso a Língua Portuguesa.

Paula: Eu pergunto sempre para o Google. O Google sempre responde tudo que eu preciso rápido e em português. Às vezes a memória do meu celular está cheia e não dá para baixar vídeos em libras, até você gravar o vídeo, baixar, às vezes você perde tempo ali, então pelo português o acesso é mais rápido e objetivo, assim eu consigo a resposta do que eu estou procurando.

Paula e Tiago são os que aparentemente tem maior domínio da Língua Portuguesa, ainda que os dados não nos permitam essa conclusão, seus títulos acadêmicos reforçam esse indício. Felipe tem algum domínio que parece ser um pouco maior se comparado a Gustavo que a todo momento destacou sua dificuldade com essa língua.

No caso desses quatro participantes vimos que a forma de todos buscarem informações é pela internet, em Língua Portuguesa. Ainda que o português não seja a língua de maior domínio de alguns dos sujeitos, essa é a língua em que os materiais são produzidos em maior quantidade e com maior facilidade de busca. O fato da maioria das informações estarem disponíveis somente em Língua Portuguesa é fator consideravelmente determinante desse modo de constituição.

4.3 CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS EM LIBRAS

Essa unidade de análise busca evidenciar o papel que a Libras ocupou e ainda ocupa no aprendizado e na produção de significações no que diz respeito aos temas abordados pelos participantes. Ainda que a Língua Portuguesa possa ser considerada a língua mais acessada pelos sujeitos dessa pesquisa, isso não significa que eles construíram seus conhecimentos a respeito da sexualidade e da vida nessa língua.

Nessa unidade destacamos o papel da Libras na construção da identidade desses sujeitos. Também são destacadas as dificuldades de acesso que os participantes da pesquisa enfrentam tanto no que diz respeito a falta de materiais em Libras, tanto no que diz respeito ao refinamento na produção e nas possibilidades de pesquisa dos materiais já existentes. De certo modo é uma continuidade da discussão realizada com relação aos espaços de vivência em Libras.

Desde o início desse trabalho temos tentado evidenciar que o ser humano se constitui nas relações sociais, que é na e pela língua que as pessoas encontram as possibilidades de desenvolvimento e imersão no grupo social ao qual pertencem. Nesse sentido, os dados a seguir evidenciam, que ainda que a Libras não tenha sido a língua mais utilizada por esses sujeitos no decorrer de suas vidas, ela ocupa o lugar de língua de constituição desses sujeitos tanto dos conhecimentos acerca da sexualidade tanto do desenvolvimento de modo geral.

Gustavo: Antes eu não tinha Libras, me comunicava somente pela oralidade, mas nem sempre era possível, então às vezes eu fazia alguns gestos. Assim que foi criado o Orkut, eu passei a usar com frequência e a conhecer pessoas novas, lá que eu conheci um surdo de _____ (referindo-se a cidade onde mora atualmente). Depois esse meu amigo me mandou convite para acessar o aplicativo ooVoo, no qual você era possível enviar e baixar mensagens de vídeo em Libras. Aí, a gente conversava, ele era fluente em Libras e eu fazia somente gestos, então ele começou a me ensinar língua de sinais. Nesse aplicativo tinha como você falar com várias pessoas ao mesmo tempo, aí ficavam as telas menores no monitor, aquilo me deixava confuso, todos falando ao mesmo tempo, não dava pra entender nada, mas conforme eles iam me ensinando eu ia aprendendo mais Libras. Daí um dia eu fui passear no Shopping e reencontrei um grande amigo, do qual eu não via há tempos, o Miguel, então ele também começou a me ensinar e eu fui entendendo melhor. Às vezes eu recebia mensagens de texto e não entendia algumas palavras em português, então eu pesquisava no google assim eu fui ampliando meu vocabulário tanto em português quanto em Libras.

Gustavo, comparado aos outros participantes, teve a aquisição da língua de sinais mais tardiamente. Não temos condições de avaliar o quanto a aquisição tardia de uma língua

comprometeu seu desenvolvimento na infância e juventude, mas fica evidente em seus relatos que foi a partir do momento em que se aproximou dessa língua que as coisas começaram a fazer sentido para ele. Ainda que utilize a Língua Portuguesa em suas pesquisas, os sentidos e significados são buscados e aprofundados quando acessa os mesmos conteúdos em Libras, seja na internet, seja com os amigos.

O caso de Miguel não é diferente, ainda que nessa pesquisa tenha sido referido como aquele que possui o conhecimento em Libras e favorece as aprendizagens de Gustavo, Miguel tem uma história com a Libras muito parecida com a de seu pupilo.

Miguel: de quatorze para baixo não tive contato com absolutamente nada.

A trajetória de muitos surdos pode ser comparada com a de Miguel e Gustavo. Ao afirmar que não sabia nada antes dos quatorze anos, Miguel materializa a percepção que estávamos construindo de sua experiência. Em breves participações no grupo focal, Miguel demonstrou fazer também fazer parte da maioria da população que se considera surda e que atribui a Libras o papel de constituição de seu desenvolvimento enquanto surdo, pertencente à comunidade surda.

Mas como vimos anteriormente, os dados a respeito de Miguel e Gustavo não são únicos. Todos os sujeitos, independente da fluência em Língua Portuguesa e do período em que tiveram acesso a Libras, destacaram que foi somente quando tiveram acesso a essa língua que passaram a compreender algumas coisas. O relato de Tiago sobre doenças sexualmente transmissíveis também destaca esse modo de construção de conhecimentos em Libras.

Tiago: Com relação às doenças sexualmente transmissíveis eu fui aprender com o meu marido, você acha? Eu aprendi sobre doenças sexualmente transmissíveis com o meu marido, porque ele é formado em Assistência Social, então ele teve uma formação bem aprofundada sobre doenças sexualmente transmissíveis, medicamentos, etc. Meus amigos me falavam apenas que precisa usar camisinha, precisa de camisinha, mas por que precisava usar camisinha? Então a única informação que se tinha até então é que era preciso usar camisinha. [...] Eu tinha 21 anos quando eu conheci ele, ele me ensinou sobre isso. Antes a única coisa que eu sabia era que precisava usar camisinha. E eu falava: está bom, ok, eu uso camisinha. Mas eu queria saber o porquê da camisinha. Tinha algumas pessoas que falavam não usar camisinha, mas eu usava sim, só não sabia o porquê. Tinha gente que falava, tira a camisinha, tira, mas eu não tirava.

É na linguagem que o homem encontra as possibilidades de significação e reconstrói internamente seus conhecimentos acerca do mundo, é por ela que exploramos ideias e curiosidades desde o nascimento, gerando um processo de construção da cognição que pode interferir nas novas experiências que possamos ter futuramente (LACERDA, 1998). Podemos inferir que a ausência de disponibilidade de todos em explicar ao surdo o porquê do uso da camisinha são aspectos limitantes do conhecimento que o surdo pode adquirir da realidade em que vive. O fato de Tiago só ter adquirido essas informações com seu marido surdo, aos 21 anos de idade, evidencia a grande lacuna existente na vida das pessoas surdas entre a experiência e a reflexão.

Infelizmente as produções em Libras, ainda que estejam aumentando visivelmente depois das determinações legais, são insuficientes para atender a demanda de formação e construção dos conhecimentos da pessoa surda. Ainda que existam alguns materiais produzidos em Libras, há muito que se avançar no que se diz respeito ao refinamento das buscas e das possibilidades de pesquisa. Segundo Paula, os vídeos em Libras quase sempre não são funcionais.

Paula: Os vídeos em Libras são muito extensos e até você encontrar a informação que você quer tem muitas informações aleatórias. Às vezes é uma palavrinha que você quer saber, tem que esperar o vídeo rodar e isso leva tempo. A gente tem outras tarefas, trabalho, filho entre outras coisas, não dá tempo, então eu busco direto pelo português.

O relato de Paula evidencia a problemática destacada. Quando ela vai buscar alguma informação e encontra vídeos em Libras, muitas vezes, ainda que haja um material em Libras, que para ela pode trazer maior possibilidades de significação, acaba optando pela em busca em português por diferentes motivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início destacamos que o objetivo deste trabalho foi compreender como as pessoas surdas têm construído seu conhecimento acerca de sua sexualidade, mais especificamente de identificar quais são os conhecimentos adquiridos pelos surdos a respeito de temas específicos como conhecimento do corpo, masturbação, puberdade, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros, bem como dos espaços em que essas pessoas adquiriram esses conhecimentos. O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise mais ampla dos espaços de conhecimentos adquiridos do que dos conhecimentos específicos.

Os espaços de aprendizado são as escolas, com professores, colegas e amigos e dificilmente com a família, o que nos mostra que não há diferença entre o aprendizado da pessoa ouvinte e da pessoa surda nesse aspecto. Surdos e ouvintes tem se constituído nas relações sociais que estabelecem na vida social.

O único espaço que se diferencia do contexto ouvinte e que em nossa perspectiva precisa ocupar lugar de destaque nessas considerações é a associação de surdos. Entendemos a partir dos dados desses participantes que a associação de surdos significou para esses sujeitos um espaço privilegiado de aprendizado a respeito da sexualidade. A partir de nossa perspectiva teórica podemos afirmar que a associação de surdos cumpriu para esses sujeitos o mesmo papel que outros espaços cumprem para ouvintes. Esperamos que esses dados possam fornecer indícios para que as associações de surdos se fortaleçam e criem espaços de circulação da Libras cada mais produtivos e significativos na vida dessas pessoas.

Contudo os surdos estão em desvantagens acentuadas de aprendizagem acerca de sua sexualidade quando comparados aos ouvintes especialmente por algumas questões. Por um lado enfrentam o descrédito por parte das famílias (possivelmente reflexo de uma sociedade que também compartilha os mesmos pressupostos) a respeito da necessidade de construírem conhecimentos aprofundados a respeito de sua sexualidade que soma-se o descrédito nas possibilidades de seu desenvolvimento de modo geral. Por outro lado destacamos as complicações decorrentes da ausência de uma política que priorize a Língua de Sinais na educação dos surdos e os deixem à mercê de relações em que os sentidos e significados não podem ser construídos devido à ausência de uma língua compartilhada.

Destacamos que a Língua Portuguesa não tem possibilitado acesso as informações nem em sua modalidade oral (todos os participantes) nem em sua modalidade escrita (para mais da metade dos sujeitos). Precisamos ressaltar ainda que alguns sujeitos dessa pesquisa

possuem uma condição diferenciada da maioria dos surdos deste país. A fluência em Língua Portuguesa não é comum entre a maioria dos surdos desse país, mas dá visibilidade ao papel que essa língua pode ocupar no desenvolvimento das pessoas com surdez.

A partir dos dados dos participantes dessa pesquisa reiteramos as produções da área da surdez que defendem que a educação de surdos seja implantada e implementada a partir dos pressupostos da educação bilíngue. Se os participantes dessa pesquisa, assim como a maioria das pessoas com surdez vivem numa sociedade em que a maioria das informações e do conhecimento circula em Língua Portuguesa precisamos lutar em dois espaços simultaneamente: por um lado pela divulgação da Libras e pela ampliação dos materiais produzido nessa língua e por outro pela responsabilização por parte das instituições de ensino em promover uma educação de fato bilíngue para esses sujeitos.

Educação bilíngue nos moldes do que as pesquisas (LACERDA E LODI, 2009; LACERDA E SANTOS, 2009; LACERDA, SANTOS e MARTINS, 2016) apontam como sendo o mais apropriado ao desenvolvimento desses sujeitos. Educação bilíngue que se responsabilize por proporcionar aos sujeitos surdos: acesso a ao conhecimento em Libras entendida como língua de instrução e constituição da pessoa surda e acesso a Língua Portuguesa na modalidade escrita a partir de propostas educacionais que priorizem metodologias de segunda língua. Numa escola que realize adaptações curriculares e metodológicas; Capacite seus profissionais acerca das questões relativas a Libras e as especificidades linguísticas e sócio-culturais dos alunos surdos e que tenha no seu quadro de funcionários uma equipe que também contempla Tradutores e Intérpretes educacionais, Professores bilíngues (surdos ou ouvintes) e Professores ou instrutores de Libras (preferencialmente surdos); que favoreça o contato com surdos (referências – participantes da comunidade surda) e a difusão da Libras.

Salientamos a importância das famílias se envolverem com o aprendizado da Libras para que possam contribuir com a formação de seus entes e também se relacionar de modo mais pleno com os mesmos.

Destacamos ainda que a produção de materiais em Libras precisa começar a ser produzida e divulgada com mecanismos que viabilizem a busca e a consulta dos sujeitos surdos de modo mais produtivo e rápido. Um dos participantes indicou que talvez o uso das hashtags possa ser um mecanismo de busca para as produções em Libras. Esse trabalho apenas lança a ideia na tentativa que outras produções deem continuidade à discussão.

Por último, é preciso lembrar que pesquisas de caráter qualitativo não trazem conclusões definitivas. Espera-se que este trabalho tenha contribuído com as discussões com

as quais se comprometeu desde o início e favorecido o surgimento de outras questões a serem futuramente pesquisadas.

6. REFERÊNCIAS

- ALVES, S. M., et al. Linguagem, desenvolvimento humano e educação: o foco na educação da infância. *Reflexão e Ação* 18.1 (2010): 244-257.
- BASTOS O. M., DESLANDES S.F. Sexualidade e o adolescente com doença mental: uma revisão bibliográfica. *Ciênc saúde coletiva*. 2005.
- BISOL, C.A. et al. HIV/AIDS knowledge and health-related attitudes and behaviors among deaf and hearing adolescents in southern Brazil. *American Annals of the Deaf*, v. 153, n. 4, p.349-356, 2008.
- BISOL, C. A. (2008). *Adolescer no contexto da surdez*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF, 1998.
- CAPOVILLA, F. C. "Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo." *Revista Brasileira de Educação Especial* 6.1 (2000): 99-116.
- COSTA, M. A., et al. "Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade." *Revista de Enfermagem da UFSM* 4.1: 123-132. 2014
- DE MAGALHÃES, A. P. R., et al. *Juventude e sexualidade: descobertas e riscos*. Grupos de estudos 2. UEL – Universidade Estadual de Londrina, PR. 2008.
- DIAS, C. A. "Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas." *Informação & Sociedade* 10.2 (2000).
- DIAS, A. C. G., & GOMES, W. B. *Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: A percepção dos pais*. Estudos de Psicologia (Natal), 4, 79- 106. 1999.
- FONTANA, R. A. C. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FURLANI, J. "Encarar o desafio da educação sexual na escola." Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. *Sexualidade*. Curitiba (2009): 37-49.
- GODOY, A. S. "Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais." *Revista de Administração de Empresas* 23.2 (1995): 57-63.
- GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo: Plexus, 1997.
- GONDIM, S. M. G. "Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos." *Paidéia* 12.24 (2003): 149-161.

HEIDRICH, R. O. "Inclusão escolar de aluno com paralisia cerebral utilizando as tecnologias de informação e comunicação." *Neurologia e Aprendizagem: Abordagem Multidisciplinar* (2015).

LACERDA, C. B. F. de, GOÉS, M. C. R. de (Orgs). *Surdez: Processos Educativos e Subjetividade*. São Paulo: Lovise. 2000

LACERDA, C. B. F. e LODI, A. C.. (Org.). *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. 1ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

LACERDA, C. B. F. de SANTOS, L. F. dos Tenho um aluno surdo e agora? *Introdução à Libras e educação de surdos*. São Carlos. EdUFScar, 2013.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, Lara F. dos S.; MARTINS, Vanessa R. de O. (Org.) *Escola e Diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos*. São Carlos: Edufscar, 2016.

MEDEIROS, M., et al. "A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia." *Revista Latino-Americana de Enfermagem* 9.2 (2001): 35-41.

NUNES, J. D. *A escolarização do surdo: discutindo metodologias e a importância do intérprete em libras*. 2011. 35 f., il. Monografia (Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PONTE, N. B. L. de. *A sexualidade do adolescente portador de deficiência mental*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da Faculdade UAB/UNB – Pólo de Itapetininga, 2011.

QUADROS, R.M; CRUZ, C.R. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RIBEIRO, M. "Educação sexual." *Além da informação*. São Paulo: EPU (1990): 62.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. *Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas*. *Educ. Soc. Campinas*, v.26, n.91, p.565-582, 2005.

SAITO, M. I. *Adolescência, sexualidade e educação sexual*. *Pediatria moderna*, 2001, 36: 3.

SANTOS, A. D. D., CAMPOS, M. P. D. A., & Santos, A. M. D. D. (2012). *Sexualidade na adolescência: entre o desejo e o medo*. Disponível em: <https://scientiaplena.emnuvens.com.br/sp/article/view/853>

SANTOS, I. C. *A sexualidade do deficiente intelectual: estudo, discussão e interação*. *Educação e Prática Pedagógica*. 2010

SOARES, S. M., et al. "Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio." *Esc Anna Nery Rev Enferm* 12.3 (2008): 485-91.

SOUZA, S. J.; FREITAS, M. T. A.. Lev Vygotsky e a Perspectiva Histórico-Cultural. 2009

TURETTA, B. A. dos R. Crianças com necessidades especiais em atividades de brincadeira no contexto da Educação Infantil. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2013.

VERGAMINI, S. A. A. (org.) Mãos fazendo história. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2003.

VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Obras Escogidas. Vol. III. Trad. L. Kuper. Madri, Visor, 1995.

VIGOTSKI, L. S.. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. (1998).